

CARTA AOS ORGANIZADORES E ÀS LEITORAS E LEITORES DO DOSSIÊ
Territórios da Pesquisa em Artes Cênicas e seus Processos Formativos

CARTA A LOS ORGANIZADORES Y LECTORES DEL DOSSIER
Territorios de Investigación en Artes Escénicas y sus Procesos de Formación

LETTER TO THE ORGANIZERS AND READERS OF THE DOSSIER
Territories of Research in Performing Arts and its Formative Processes

Carmina Mendes André

<https://orcid.org/0000-0002-0727-5766>

Resumo: Este texto pretende-se um ensaio. É parte de práticas pedagógicas para a formação de docentes em artes cênicas que se gesta desde os anos 2000. Neste momento ensaiam-se reflexões sobre a importância da narração na formação ética e artística. Esboçam-se tentáculos para uma possível pedagogia em ação calcada na ideia de que o(a) professor(a) de artes pode ser também um(a) poeta de sua própria docência. Os resultados alcançados até o momento são expostos por meio de narrativas.

Palavras-chave: Ensino, Narrativa, Artes Cênicas.

Resumen: Este texto pretende ser un ensayo. Es parte de prácticas pedagógicas para la formación de docentes en artes escénicas que se vienen realizando desde la década de 2000. En este momento se ensayan reflexiones sobre la importancia de la narración en la formación ética y artística. Se esbozan tentáculos para una posible pedagogía en acción basada en la idea de que el profesor de artes también puede ser poeta de su propia enseñanza. Los resultados alcanzados hasta el momento se exponen a través de narrativas.

Palabras clave: Enseñanza, Narrativa, Artes Escénicas.

Abstract: This text is intended to be an essay. It is part of pedagogical practices for the training of teachers in performing arts that have been in progress since the 2000s. At this time, reflections are being attempted on the importance of narration in ethical and artistic training. Tentacles are being outlined for a possible pedagogy in action based on the idea that the arts teacher can also be a poet of his/her own teaching. The results achieved so far are presented through narratives.

Keywords: Teaching, Narrative, Performing Arts.

Quando Karyne e Abimaelson me chamaram para escrever no Dossiê *Territórios da Pesquisa em Artes Cênicas e seus Processos Formativos*, primeiro senti-me amada e honrada por esses parceiros. E logo me veio a dúvida: o que escrever? Inicialmente, brotou-me o desejo de apresentar algumas práticas que fiz em Jogos e Improvisação quando ministrava aulas na Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas, junto com meu parceiro Stenio Mendes. O foco sempre foi o de

mostrar aos estudantes uma função bonita e possível para as artes cênicas e a interface com a música corporal. Buscamos provocar a presença do *narrador e poeta* em cada participante. Porém, criar histórias aleatoriamente não basta em um processo formativo. Não se trata somente de um exercício de escrita, um exercício técnico de criação de cena.

Narrar em nossas aulas-de-jogos é um modo de refletir o tempo presente e exercitar a linguagem adequada para ele. Entendemos ser preciso que cada um tenha posicionamentos diante dos *acontecimentos*, pois esses posicionamentos indicarão o mundo que se sonha alcançar, ou o que preservar desse mundo que herdamos. “Escrever é uma forma de sangrar”, citou Denise Rachel (2019) em seu doutorado, referenciando outra combatente: Conceição Evaristo. Este é um posicionamento claro de uma militante.

Ao compactuar com este posicionamento, desenvolvemos práticas pedagógicas em “jogos e improvisação” com o intuito de provocar os participantes-estudantes a se indagarem sobre suas *indignações* mas também seus desejos de mudança. Evidentemente, levamos conosco nossas próprias indignações e utopia para compartilhar. Este é um importante procedimento, pois, sem a implicação do professor ou do artista no processo de aprendizagem, como esperar a implicação de estudantes ou de plateias?

Ao falar agora, portanto, de modo pessoal, trago para esta Carta o que considero urgente para narrar. E antecipo que meu interesse será o de realizar uma ponte entre Política, Artes Cênicas e Arte Educação.

*

Início minhas reflexões compartilhando com vocês uma sensação muito estranha que me vem ocorrendo: a de que o tempo está andando para trás ou simplesmente não avança. Ao pensar na elaboração desta Carta, fui jogada para o dia 13 de maio de 1808 e recebi, das mãos do ativista indígena Ailton Krenac, uma carta do Príncipe Dom João VI enviada ao Governador da Capitania de Minas Gerais. E começo por compartilhar um trecho:

Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Geraes.

Amigo. Eu o Príncipe Regente vos envio muito saudar. Sendo-me as graves queixas da Capitania de Minas Geraes têm subido á minha real presença, sobre as invasões que

*diariamente estão praticando os indios Botocudos, antropofagos, em diversas e muito distantes partes da mesma Capitania, particularmente sobre as margens do Rio Doce e rios que no mesmo desaguardam e onde não só devastam todas as fazendas sitas naquellas visinhanças e tem até forçado muitos proprietarios a abandonal-as com grave prejuizo seu e da minha Real Coroa, mas passam a praticar as mais horribes e atrozes scenas da mais barbara antropophagia, ora assassinando os Portuguezes e os Indios mansos por meio de feridas, de que servem depois o sangue, ora dilacerando os corpos e comendo os seus tristes restos; tendo-se verificado na minha real presença a inutilidade de todos os meios humanos, pelos quaes tenho mandado que se tente a sua civilização e o reduzil-os a aldear-se e a gozarem dos bens permanentes de uma sociedade pacifica e doce, debaixo das justas e humanas Leis que regem os meus povos; e até havendo-se demonstrado, quão pouco util era o systema de guerra defensivo que contra elles tenho mandado seguir, visto que os pontos de defeza em uma tão grande e extensa linha não podiam bastar a cobrir o paiz: sou servido por estes e outros justos motivos que ora fazem suspender os efeitos de humanidade que com elles tinha mandado praticar, ordenar-vos, em primeiro logar: Que desde o momento, em que receberdes esta minha Carta Regia, deveis considerar como principiada contra estes Indios antropofagos uma guerra offensiva que continuareis sempre em todos os annos nas estações seccas e que não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos senhorear de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reaes armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitando-se ao doce jugo das leis e promettendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos uteis, como ja o são as immensas variedades de Indios que nestes meus vastos Estados do Brazil se acham aldeados e gozam da felicidade que é consequencia necessaria do estado social: Em segundo logar. [...]*¹

Nessa carta, Dom João VI declara “guerra ofensiva” aos nativos, dando ‘carta branca’ ao dito governador para se apossar das casas dos indígenas e submetê-los à obediência ou ao extermínio se fosse necessário. Para isso usou a estratégia de desumanizar os indígenas, colocando-os em nível animal, para que a ação do Príncipe pudesse justificar-se. O importante para esse João era garantir o efetivo domínio territorial da ocupação da coroa portuguesa em solo estrangeiro. Essa carta já poderia produzir muitos jogos em aula se a finalidade fosse refletir sobre nossa identidade para além das histórias pessoais. Questões poderiam ser disparadoras para as improvisações: essa narrativa está no passado? Ou, o que dessa narrativa explica nosso presente? Nessa narrativa, quem somos?

Mas sigamos com outras narrativas. Em início do ano 2023, quando nos deparamos com a situação dos Yanomami no Amazonas, violentados por garimpeiros apoiados pelo governo anterior de extrema direita, senti a quebra do tempo em meu coração; sabe aquela expressão de Shakespeare em Hamlet: “há algo de podre no reino da Dinamarca”? Senti que recebia um soco na cara vindo do tempo presente. Abalada, escrevi uma carta a Eduardo Galeano atualizando-o sobre os últimos acontecimentos no Brasil depois de sua morte em 2015. Escrevo:

¹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg/sn/antioresa1824/cartaregia-40169-13-maio-1808-572129-publicacaooriginal-95256-pe.html>) Acesso em: 09 set. 2024.

[Caro mestre] Sempre tive medo de mulheres que acreditam em deuses que não conhecem as delícias do amor, todas viram bruxas más comedoras de crianças. Era 21 de janeiro de 2023, na televisão do reino, o alvoroço se fez presente. As imagens não tiveram compaixão do telespectador. E nem poderiam. Nos corpos esqueléticos das mulheres do povo Yanomami, mulheres amamentando, era possível ver o veneno do mercúrio do garimpo ilegal, despejado no rio-caldeirão, produzir efeitos em seus bebês. Nos olhos dos adultos prostrados nas camas-redes, a malária, disseminada pelas bruxas, corroía sua idade. Nos poucos cabelos que restavam às crianças crescidinhas, posavam a fome e a sede. Mesmo assim, sem perder a curiosidade e a inocência, a criança dentro do caldeirão, ainda de água morna, olhou para as câmeras dos repórteres e sorriu. Sorriu a criança? Sim, sorriu. (André, 2024)

Na ocasião, tive a sensação de que saía de um sono que os marxistas chamam de alienação. Desde o golpe que retirou a Presidenta Dilma do governo, estive cabreira (*sic*) com as células nazistas que crescem por aqui. Até a Redebobo noticiou no Fantástico em 16 de janeiro de 2023 e publicou no G1 o seguinte:

Este mapa elaborado pela antropóloga Adriana Dias, que se dedica a pesquisar o neonazismo no Brasil desde 2002, mostra que existem pelo menos 530 núcleos extremistas, um universo que pode chegar a 10 mil pessoas. Isso representa um crescimento de 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021.²

No entanto, quando se assiste a uma reportagem na TV, o fato parece estar lá fora, longe de quem está sentado no sofá. Mas será? Escutem então esta outra narrativa...

No primeiro semestre de 2023, eu estava realizando um jogo dentro do prédio do Instituto de Artes da Unesp com estudantes de pós-graduação. Em grupo, eles buscavam fotografar vestígios de um crime inventado por eles mesmos. Tratava-se de um jogo inspirado nas reflexões de Walter Benjamin sobre a fotografia, e qual não foi nossa surpresa quando um dos grupos se depara com uma suástica nazista desenhada sutilmente no batente de uma das portas de fogo que dá acesso à escada de incêndio; suástica acompanhada com os escritos em inglês: “legalize rape” (legalize o estupro), “uncancel Hitler” (não cancelar Hitler). Um recado para os amiguinhos em um lugar estratégico, pois não possui câmeras de segurança. Eu reportei tal fato à Direção e aos colegas. Os funcionários não tiveram como descobrir quem havia deixado as marcas. Então, o desenho foi apagado, o caso foi abafado e restam rastros dele na memória daqueles estudantes e na minha narrativa que agora compartilho com vocês.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 04 set. 2024.

Pois bem, no final do mesmo ano de 2023, estoura a guerra em Gaza. Conforme os dias foram passando e as imagens dos civis e seu sofrimento aumentado, novamente senti o soco da história colonial *brasileira* em minha cara. E, confesso, tive novamente a clara experiência de que o tempo andava para trás e de que vivemos em plena colonização executada por outros meios. Todos falamos conceitualmente da colonização, lemos autores que falam sobre o tema e, mesmo assim, a guerra em Gaza tem sido silenciada nos meios universitários como se tratasse de um tema tabu, e como se abordá-la fosse um ato antisemita. Ao menos não estamos mais na situação dos acadêmicos alemães que recebem represálias severas do Estado caso expressem qualquer tipo de solidariedade ao povo palestino³. Mas não se enganem, esta situação não está apenas lá... Vivemos esse tipo de intimidação no governo Bolsonaro, espero que vocês se lembrem. Se não lembram, vou contar uma história recente.

Enquanto escrevia esta Carta, ainda na semana passada, o grupo de pesquisa que coordeno foi surpreendido com um depoimento indignado de uma das nossas mestrandas, que atua como professora de arte no ensino fundamental. Ela está trabalhando com as crianças o livro “Ciranda dos Orixás” e foi questionada por uma mãe sobre o conteúdo, e intimidada pela diretora para parar imediatamente de trabalhar com tal livro. Será que este fato tem relação com a carta de Dom João? Com o garimpo ilegal na Amazônia? Com a chacina recente no litoral paulista matando jovens periféricos em nome da segurança? Com o massacre em Gaza? Com as guerras civis em África? Com a política de apoio incondicional ao governo israelense?

A professora foi orientada por nosso grupo de pesquisa a buscar as leis que a amparam sobre os conteúdos culturais afro-diaspóricos e aproveitar para comentar o ocorrido; e, se fosse o caso, fazer a denúncia na ouvidoria de seu município. Afinal, o grupo dedica-se aos estudos sobre decolonialidade e contra colonialidade. Para que servem os estudos senão para nos encorajar a enfrentar o colonialismo interno com ações práticas? O final dessa narrativa foi a simulada desculpa da diretora diante da possibilidade de ser processada por racismo. Mas, na semana seguinte, a professora foi acompanhada em suas aulas por um funcionário da Secretaria da Educação chamado pela diretora.

Tristes trópicos...

Nem a publicação de *A Queda do Céu* de Davi Kopenawa (2019), descrevendo com minúcias as intoleráveis táticas de extermínio dos não índios para com sua comunidade; nem o garimpo ilegal

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 04 set. 2024.

matando populações inteiras na Amazônia; nem as denúncias de mortes e estupros realizados pelos capangas do agronegócio contra o povo Kaiowá no Mato Grosso, ou mesmo a chacina diária sofrida pelos jovens negros e indígenas têm sido suficiente para que façamos amplos debates sobre *colonialismo interno* em curso em nosso país.

O silenciamento ocorrido no Instituto de Artes sobre o caso da suástica não é uma exceção, há um mecanismo na cultura brasileira de minimizar as práticas de violência colonialistas. É necessário tomar consciência desse fato para que possamos superar tal comportamento. Trazer para perto artistas e educadores que estão enfrentando as práticas coloniais. Uma autora que poderíamos ler em aula seria Saidiya Hartman, escritora negra estadunidense que tem tido a coragem de abrir os arquivos da escravidão nas Américas e escrever ficção e ensaios sobre o não dito. Poderíamos começar por *Vidas Rebeldes* (Hartman, 2022).

Mas voltemos à Guerra em Gaza.

Para não silenciar este tema que me é caro na atualidade, gostaria de compartilhar algumas ideias retiradas da Aula Magna proferida no primeiro semestre deste ano de 2024 pelo pensador Vladimir Safatle para os ingressantes do curso de filosofia da USP, intitulada *Pensar após Gaza*. Esse título — *Pensar após Gaza* — não deixa de nos remeter à palestra proferida por Theodor Adorno em 18 de abril de 1965, intitulada *Educação após Auschwitz*, que se tornou um dos textos mais lidos pela minha geração de arte-educadores. As duas palestras seriam um dos possíveis temas para desenvolver em disciplinas de Teatro e Educação. Em sua palestra, Safatle defende que:

[a filosofia] tenta compreender como o aparecimento de certos objetos e fenômenos históricos produzem modificações em nossa maneira de pensar. [...] Para a filosofia, o acontecimento é o que rompe uma lógica, rompe com o cotidiano, reconfigura o mundo, nos deixando diante de outro “totalmente diferente”, “exigindo o aparecimento de outra forma de agir, de desejar e de julgar”.⁴

Mas há acontecimentos, expõe o professor, que estão sob o signo do *intolerável* e que, portanto, não pedem uma reorganização do mundo porque produzem “o desabamento do tempo presente”. A estes acontecimentos Safatle chama de “catástrofe”, uma palavra que vem do grego e que nos diz respeito: trata-se do momento em que, na narrativa da tragédia grega clássica, “os acontecimentos se voltam contra o personagem principal. Ou seja, o momento em que a história se vê obrigada a mudar brutalmente de direção” (id.).

⁴ Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/pensar-apos-gaza/>. Acesso em: 04 set. 2024.

A palestra de Safatle poderia me aproximar dos jogos de Boal, e desenvolver ações poéticas com as seguintes perguntas aos estudantes: o que você considera *intolerável* para si? A suástica desenhada em um Instituto de Artes é tolerável? A lei do Marco Temporal para demarcar as terras indígenas é tolerável? A destruição de Gaza e dos palestinos é tolerável? O que mais podemos nos perguntar?

E é por essa razão que eu incluiria narrativas de palestinas nas aulas de jogos, assim como narrativas antirracistas que Denise Rachel nos conta em seu doutoramento, ou narrativas de mulheres indígenas.

Citando (e também parafraseando) as palavras do colega da filosofia, Safatle, ao afirmar que se ele não falasse dessas catástrofes:

estaria dizendo que a filosofia [a arte educação e a arte] pode[m] ignorar a dor, pode[m] ser indiferente[s] ao despedaçamento dos corpos e ao genocídio de populações [...], eu estaria ensinando a indiferença e dando a impressão de podermos continuar a fazer nosso trabalho como se nada estivesse a ocorrer. Decididamente, não é silenciando a dor que se começa a pensar filosofia [educação ou arte], mas é escutando-a, é fazendo o pensamento passar através dela”. (id.)

Por isso o mestre Edgar Morin, em seus 102 anos, diante do massacre dos civis em Gaza, nos pede para “testemunhar” como forma de resistência à barbárie⁵.

Theodor Adorno (1986), com semelhante indignação e estupor diante de outra catástrofe, escreveu o texto *Educação após Auschwitz*, publicado em 1967, buscando exercitar a filosofia. Dedicar-se ao levantamento das causas que possibilitam o aparecimento de tal fenômeno, e pensar uma educação para que este não se repita nunca mais. Há muitas ideias na palestra de Adorno, posso destacar a aposta de que as pessoas não nascem frias e sádicas, mas se tornam assim quando educadas em uma certa “ordem social”. Adorno contrapõe a frieza à capacidade de amar, no sentido da solidariedade e da empatia. Tal como Safatle, o autor alemão aponta a **indiferença** com a dor do outro como um dos fatores que permite a possibilidade de acontecer Auschwitz. Qual não foi minha surpresa ao reler o texto do pensador alemão e encontrar a citação da obra de Charles Fourier, ao pensar pressupostos para uma educação após Auschwitz.

Em 2024, Silvio Gallo escreve uma Carta a este autor em publicação recente. Dentre as muitas ideias na Carta de Gallo (2024), há menção à crítica de Fourier sobre a educação das crianças sempre

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N2LUHpc11B4> e em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633485-o-dever-de-rejeitar-o-odio-artigo-de-edgar-morin>. Acessos em: 04 set. 2024.

tuteladas pelos adultos “que as formam para tomar parte desta sociedade corrompida”. Fourier apresenta uma proposta em que a infância seria emancipada. O texto de Gallo foi escrito antes dos últimos acontecimentos em Gaza. Nosso filósofo da educação, como um filósofo atento a seu tempo, talvez queira nos alertar sobre o fenômeno genocida que vivemos com o fortalecimento da extrema direita no Brasil.

Adorno como Gallo nos indicam a trabalhar, na educação, para trazer a consciência da naturalização à frieza em que estamos sendo expostos. Adorno, ao refletir a educação junto com as críticas de Fourier, percebe que atacar, nas causas que levam a fenômenos como o que aconteceu na Alemanha nazista, seria trazer para a ordem social um modo de educar “para a solidariedade”, que não é natural segundo o autor alemão, mas algo a ser aprendido. Ao final da palestra, Adorno tece um pensamento com o qual compactuo integralmente: o de que as pessoas que executam as tarefas de extermínio “agem em contradição com seus próprios interesses imediatos” tornando-se assassinas de si mesmas. Se compactuamos com o pensador alemão, nós, docentes e artistas, temos o dever de tentar evitar tal suicídio coletivo.

Gaza tornou-se o maior massacre do século XXI, superando em números de mortos/dia a segunda guerra mundial. Por tratar-se de uma população impedida de fugir, submetida à escassez da água potável, comida, remédios, tratamentos cirúrgicos, não podemos deixar de aproximar sua situação dos presos nos campos de concentração. Gaza teve TODAS as suas universidades destruídas bem como grande parte de suas instalações hospitalares. Gaza é um lugar com 3% de analfabetos e uma população jovem com ensino superior. Há algo de diferente nesse massacre e que nos diz respeito, muito mais do que podemos ver. E para mim é intolerável.

Safatle defende a tese de que Gaza é parte de um “experimento social” do Império Ocidental. E, tal como Adorno, indica a **desumanização** como uma das condições para que a catástrofe aconteça. Safatle, seguindo o pensamento que Foucault (2024) já havia expressado em *Vigiar e Punir*, publicado originalmente em 1975, reitera o perigo da naturalização da desumanização do “outro” tornado “inimigo”, pois essa aceitação sem reflexão nos faz apoiar a violência contra “os outros”, concordando com a máxima de que “bandido bom é bandido morto”. Nesta chave, outra pergunta poderia gerar jogos em aula: Quem é o bandido?

Início de 2024, junto com o Núcleo Feminista da Próxima Companhia de Teatro e participações especiais do Grupo de Teatro A Antropofágica (SP) e Dolores Boca Aberta MecaTrônica de Artes (SP), organizamos um evento com a militante e pesquisadora brasileira-palestina Soraya Misleh de Matos (2017, 2022), para nos falar sobre o intolerável cotidiano em Gaza e nos contar

sobre a literatura de resistência produzida pelas escritoras palestinas. Se eu estivesse dando aulas de jogos, a pergunta seria: se você fosse escrever uma “narrativa de resistência”, o que nos contaria? Estamos já em processo de desumanização naturalizada? A educação e a arte comprometidas com seu tempo precisam se fazer estas perguntas.

A violência da extrema-direita gera a decadência moral; rói qualquer tipo de civilidade e aliena pelo medo. Vejamos o episódio do “estupro nas prisões em Israel”. Tive acesso a uma enquete feita pelo jornalismo israelense e há um empate técnico entre aqueles que concordam com o estupro realizado como forma de tortura. A própria enquete já é uma monstruosidade, e seu resultado chega a nos estarrecer.⁶

Parece algo tão distante de nós, não é? Mas voltemos então à realidade brasileira e lembremos da recente tentativa do nosso Congresso em aprovar a lei, conhecida pelo *slogan* de resistência “Criança não é mãe”, que criminaliza a mulher, vítima de estupro, caso o aborto seja realizado fora das tais semanas estipuladas em lei. A monstruosidade da extrema direita é atrevida porque deseja legislar os corpos das pessoas – o biopoder – e também é sádica – o nazismo –, porque propõe punições desproporcionais para aterrorizar os envolvidos. A monstruosidade de direita transpassa as nacionalidades. Se eu estivesse ministrando jogos, eu iria desafiar os estudantes com as perguntas: Vamos debater sobre isso? Vamos escrever narrativas sobre isso? Vamos pensar arte educação levando em consideração essas questões?

*

Mas somos do teatro e por isso carregamos não só a máscara da tragédia. Também está conosco a máscara cômica. A cura pela dor tornada palavra é uma frente de ação; a cura pelo riso é outra, que em aulas de jogos se complementam. Já dizia Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago, ou Antropofágico, de 1928: “a alegria é a prova dos nove”. E diante da violência colonial nosso modernista nos lembra de que “nunca fomos catequizados, fizemos o carnaval”.

Mas como unir o horror ao riso, vocês poderão me perguntar... Não sei, vamos descobrir juntos com aqueles e aquelas que também estão experimentando escritas que respondam a essa questão. Como testemunhar os traumas de modo a trazer a arte como mediadora? Já diziam os filósofos gregos da antiguidade que a arte nos faz contemplar o que, com olhos nus, não suportamos.

⁶ Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/guerra-israel-x-palestina/maioria-dos-israelenses-defendem-que-soldados-acusados-de-estupro-contra-palestinos-nao-devem-ser-incriminados/> Acesso em: : 04 set. 2024.

Foi inspirada na antropofagia oswaldiana que realizamos em todas as aulas o “pic nic” ou piquenique se quiserem. Trata-se do momento de parada, em que estendemos uma toalha no chão e oferecemos para todos o que trouxemos para nos alimentar. Não se trata de trazer sua própria marmita para comer junto conosco; trata-se de trazer algo para ser compartilhado. Se a marmita for compartilhada, tá valendo. Oferecer alimento ao outro é o ato a ser valorizado. Seja um biscoito de três reais, seja um bolo que preparamos em casa; se o alimento foi pensado para ser compartilhado, a solidariedade está se fazendo em ato.

Outra ação fruto da máscara cômica trazida em aulas são os Saraus que sempre realizamos a cada bimestre. Nos Saraus, os participantes apresentam qualquer atividade artística que cultivam. É nesse momento que se revelam os poetas, as cantoras, os bailarinos, os transformistas, pintores de quadros... e assim vai. Mas a grande obra coletiva é o Banquete. Muita comida muita bebida muita música. A Festa é uma obra arte-educativa da maior importância em minha pedagogia.

E para finalizar, retomo as palavras de Silvio Gallo (2024, p. 115)

Se não logramos, ainda, produzir uma sociedade harmônica, tampouco sucumbimos aos muitos e incessantes apelos da Civilização que, apesar de todos os esforços, ainda não arrasou essa Terra. Resistimos, apaixonados e desejanos, produzindo transformações microscópicas em nossas vidas e em nossas comunidades, que tornam possível seguir respirando, ainda que haja muito pelo que lutar. Continuamos teimando em seu “mais belo sonho” que, um dia, quem sabe, poderá ainda se realizar.

É o que eu tinha para oferecer a vocês hoje.

Para aqueles que me suportaram até aqui, obrigada pela leitura.

Carmina Mendes André

Setembro\2024

Referências

ADORNO, Teodor W. Educação após Auschwitz, In: COHN, Gabriel (Org.). **Grandes Cientistas Sociais**: Adorno. São Paulo. Ática, 1986.

ANDRÉ, Carmina Mendes. Carta a Eduardo Galeano. In: Grupo Performatividades e Pedagogias. (Org.). **Entrecartas**: ensaiando escritas. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2024, p. 33-59.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: o nascimento das prisões. Trad: Raquel Ramallete. São Paulo: Vozes, 2024.

GALLO, Silvio. Carta à Charles Fourier. In: Grupo Performatividades e Pedagogias (Org.). **Entrecartas**: ensaiando escritas. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2024, p. 103-118.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos**: Histórias Íntimas de Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Cia das Letras, 2019.

MATOS, Soraya Misleh de. **Al Nakba**: um estudo sobre a catástrofe palestina. São Paulo: Sundermann, 2017.

MATOS, Soraya Misleh de. Uma história das mulheres palestinas: dos salons aos primórdios da literatura de resistência. Tese (Doutorado em Filosofia), universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-05102022-155512/pt-br.php> Acesso em: 09 set. 2024.

RAQUEL, Denise. **Escrever é uma maneira de sangrar**: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer. Tese (Doutorado em Artes), Universidade Estadual Paulista, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/072e05a2-8591-4ae1-8f88-e98d8b09e7e6>. Acesso em 29 nov. 2024.